

O PMDB e os falsos dilemas da campanha presidencial

Fernando Safatle

O PMDB ainda não conseguiu acertar o prumo, realizou três convenções nacionais, em pouco mais de dois meses, definindo diretório e candidatos, todavia não foi possível estabelecer rumos precisos e direcionamento à campanha.



Também não era para menos. De todos os partidos é o que vive numa crise de identidade mais profunda, diante de um relacionamento com o governo de transição mal equacionado.

O PMDB não soube estabelecer uma relação correta com o governo de transição. Quando trouxe dividendos eleitorais, quis identificar-se com ele. Quando sucumbiu, quer dele afastar-se, quando o correto era ter tido um posicionamento de apoio crítico, procurando entender os limites de um governo pactuado com as forças dissidentes advindas do regime militar.

Na verdade, enredou-se nessa trama e agora não está sabendo desvencilhar-se.

O papel desempenhado pela candidatura Waldir Pires foi de suma importância para aglutinar as forças de centro-esquerda e preservar o eixo central do partido, unido.

No entanto se perde no tático, ao procurar buscar as raízes populares do PMDB distanciando-se do governo Sarney em torno de falsos dilemas. Não é ficando o pé na participação ou não dos membros do PMDB nos palanques que vamos corrigir e retomar os rumos do PMDB. É certo que isso é um gesto simbólico, mas no concreto não ajuda, ao contrário, confunde. Mesmo porque o PMDB não é um partido que tenha centralismo democrático e consiga tirar uma posição para valer em cima dessa questão. E, em segundo, é uma questão controversa. Por que Newton Cardoso e não Jader Barbalho e Iris Rezende? O certo é que não é por aí. Isso só complica e não politiza a questão. Precisamos ter noção do essencial e do secundário; depois, o que é preciso mesmo é definir qual a posição do PMDB em relação à política econômica de Sarney. Esta é a questão de fundo. Somos contra ou a favor. Em bloco ou apoiamos parte. Definido isso, os ministros do PMDB é que vão decidir se participam dos palanques ou não. O problema passa a ser deles.

Definida a candidatura Ulysses-Waldir o governador Santillo dividiu Goiás em cinco regiões e enviou equipes para percorrer o estado e discutir com prefeitos e lideranças do PMDB. Em dez dias as equipes estavam entregando seus relatórios de viagem ao governador.

Uma questão aflorou, a confusão que se estabeleceu na identificação de Ulysses com Sarney. E este, mais uma vez, não se esclareia com falsos dilemas. O PMDB vai ter de realizar um trabalho muito criativo para demarcar com clareza suas posições das do governo Sarney. A questão passa mais uma vez pela política econômica, não em

cima de grandes teorias econômicas, mas colocando as diferenciações em questões pontuais, fáceis e acessíveis de se perceber.

O prefeito de Itapaci, Goiás, é do PMDB e proprietário de uma destilaria de álcool, com capacidade de 250 mil litros/dia. A sua produção é vendida à Petróbrás, que a transporta para Goiânia, Brasília, ou até mesmo Belo Horizonte. Os postos da cidade de Itapaci e mesmo da região são abastecidos pelo álcool trazido de Goiânia, de Brasília e de Belo Horizonte. O álcool passa duas vezes até chegar ao posto de Itapaci.

O que acontece com a safra adquirida pela CFP é o mesmo. Os grãos são transportados de armazéns a armazéns, muitas vezes sem nenhuma necessidade, a não ser para engordar os lucros das empresas transportadoras e donos de armazéns. No sul de Goiás, produz-se fosfato que, transportado para a Baixada Santista, misturado com outros ingredientes, nitrogênio e potássio, produz o fertilizante que depois retorna a Goiás e ao Centro-Oeste para ser aplicado na agricultura. O arroz, o feijão, o milho, a soja e toda a produção agrícola, evidentemente, ficam mais caros. Tudo isso se chama inflação de custo. O passeio que matérias-primas e produtos industrializados realizam neste país gera custos crescentes ao processo produtivo.

A política econômica do governo está voltada para combate à inflação de demanda. Cortes de gastos, arrocho salarial e restrição de crédito e financiamento dão a tônica no combate à inflação. São medidas que só têm levado o País à recessão. Mas nada se faz para combater essa irracionalidade que impera na economia brasileira, cortando custos e ganhando em produtividade.

Na realidade, não existe uma política de desenvolvimento regional que aproveite as vantagens comparativas e as potencialidades econômicas a nível regional. Ao contrário, o que existe é uma política de custos crescentes. Assim não há pacote que consiga quebrar a curva inflacionária. Qual a posição do PMDB sobre isso?

Outra questão, talvez até mais importante do que esta, refere-se ao sistema financeiro, que, como está, também provoca inflação de custo.

A Alemanha e o Japão passaram por uma experiência inusitada e conseguiram integrar o capital financeiro com o capital industrial, forjando os conglomerados financeiro-industriais. Com isso, conseguiram estabelecer fontes seguras de financiamento aos investimentos. Nos Estados Unidos, o mercado acionário constituiu uma fonte permanente de financiamento às empresas. Aqui, no Brasil, não se desenvolveu nem um nem outro modelo. Quem sempre forneceu recursos a longo prazo para investimentos para a iniciativa privada foi o Estado. E o fez, diga-se de passagem, subsidiando, com ônus para o contribuinte. Aqui o mercado financeiro nunca desempenhou esse papel, desempenha, sim, o papel de fonte de especulação, onde as empresas aplicam seus recursos à cata de lucros não operacionais, meramente especulativos. Ho-

je, com a exaustão da capacidade financeira do Estado, a restrição existente aos empréstimos externos coloca um problema mais grave para a retomada do processo de crescimento econômico: a não existência de fontes de financiamento a longo prazo.

Além do que a ciranda financeira e os altos encargos financeiros decorrentes de especulação se constituem num dos fortes componentes de pressão inflacionária.

Qual a posição do PMDB sobre isso?

É claro que o problema inflacionário não se esgota nessas duas questões levantadas. Mas são questões

importantes do lado dos custos inflacionários que se juntam a outras, e que o PMDB não coloca com a devida ênfase.

São questões como estas que ajudariam, sobremaneira, a demarcar a posição do PMDB da política econômica do governo, politizando as questões econômicas e colocando o dedo nas verdadeiras causas da crise econômica.

São questões que ajudam o partido a sair da armadilha dos falsos dilemas.

Fernando Safatle é secretário de Planejamento do Governo do Estado de Goiás e membro do Diretório Regional do PMDB daquele estado.